

## **Paisagens Visuais: vamos atravessar os espelhos?**

Rummenigge Medeiros de Araújo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas –PPGARc/UFRN- Mestrando  
Or.Profª DRª Maria Helena Braga e Vaz da Costa  
Bolsa Capes

Resumo: Este trabalho é fruto de uma inquietação pessoal sobre os “rumos” e a “forma” assumidos pelo teatro na contemporaneidade e a sua relação com as mídias na formação de organismos híbridos. Em termos gerais, o interesse é discutir a respeito de como se organizam e se apresentam as possíveis relações e os diferentes níveis de contato existentes entre as mídias e o teatro na construção da cena. Neste contexto, o objetivo é pesquisar, por meio da análise da peça Rainha Mentira (2007) do encenador Gerald Thomas, as conexões entre a cena e as projeções de imagens como formadoras de organismos híbridos entendendo-as como resultantes de uma estética relacionada à condição pós-dramática do teatro contemporâneo no Brasil.

Palavras-chave: Contemporaneidade, Mídias, Organismos Híbridos

No Brasil, Gerald Thomas tornou-se o “representante” em potencial do teatro de imagens, tendo com frequência, atribuído ao seu teatro, o adjetivo de híbrido pela crítica especializada, imprensa em seus mais diferentes formatos e por pesquisadores como José Da Costa (2009) e Silvia Fernandes (1996 b, 2008 e 2010). Aliás, “Teatro de imagens” e “híbrido” são dois termos utilizados de maneira muito frequente para nomear produções teatrais e espetáculos que transcendem o modelo de produção dramático. Mas, no entanto, eles não indicam um entendimento claro daquilo que realmente apontam ser. Essas duas nomenclaturas ou conceitos não necessariamente são sinônimas do termo “Teatro contemporâneo”.

Provavelmente o que torna um espetáculo híbrido e o que alimenta um “Teatro de imagens” não seria a mera projeção de um vídeo, ou a existência de uma ou duas mídias na cena teatral de maneira ilustrativa, mas uma densa rede de informações e intertextos que ligam esses dispositivos, suas imagens e a reflexão acerca delas, de maneira tal, que não seja possível uma definição clara das fronteiras as quais pertencem ambas as linguagens e as próprias imagens, mas que o contexto geral funcione como uma obra intelectualmente estruturada, referenciada e concebida. A imagem deve dizer algo além do seu próprio reflexo.

Béatrice Picon-Vallin (2006) atenta para o fato de que se criou uma fórmula chamada de “Teatro de imagens”, e que essa fórmula, que reúne espetáculos diferentes (tanto por gênero, estética e modo de composição), deve ser interrogada. Ela reconhece a importância do desenvolvimento do aparato tecnológico para a cena, bem como a influência

do uso constituinte das diferentes mídias e a maneira como elas alteraram as concepções cênicas, mas, no entanto, é preciso algo mais, faz-se necessária a “não-imagem”.

Por “Teatro de imagens”, Fernandes (2010) entende a “desconstrução de textos, códigos e personagens, feitas através de mecanismos de deslocamento e estranhamento sem sentido.” (p.07). Em contra partida, a “não-imagem” na concepção de Picon-Vallin (2006) parece ser a percepção daquilo que está por trás de toda essa desconstrução no momento em que ela ocorre em cena, nos vestígios das intenções e no enxergar das fraturas e não propriamente naquilo que se apresenta.

A palavra imagem está ligada à imitação, à cópia, portanto, é mimogenética: nasce da vontade de reproduzir. E nesse processo de representação-representado, ocorrem procedimentos de identidade. Nesse caso, representação é apresentar de novo o mesmo (ou a imagem do mesmo). Quando Fernandes (2010) compara o trabalho do encenador contemporâneo ao de um arqueólogo do fim século XX, ela consegue ilustrar de maneira metafórica a função do encenador no mundo potencialmente imagético, ou como Susan Sontag (2004) denomina, o “mundo-imagem”.

Esse procedimento de encenação, similar na forma, ao “mecanismo de memória” parece funcionar como um arquivo caótico, conforme observa Fernandes (2010), um caos que não elege entradas preferenciais (no caso da encenação, não prioriza um elemento específico). O que interessa são as redes de informação construídas em forma de pensamento. Tal concepção se faz presente em *Rainha Mentira* (2007) de Thomas, e no resto de suas encenações, que dialoga com as linguagens da publicidade, da ideologia, do cinema, das conversas cotidianas e dos *cartoons*.

Dentro desse contexto, o teatro de Thomas passa a constituir-se enquanto um organismo híbrido, pois, apresenta ligação e cruzamento com uma quantidade significativa de linguagens distintas. Assim, o “híbrido” em Thomas está caracterizado não apenas pelo diálogo com o audiovisual ou com as projeções de imagens, mas também, por conter em si, toda uma gama de linguagens construindo uma rede de significações possíveis. Logicamente, a concretude dessa imbricada rede de informação, linguagens e significação, se materializa, enquanto um produto estético, na forma de *paisagens visuais*.

Também pode ser híbrido, se considerarmos aquilo que Hans Thies Lehmann (2007) chama de “imagem do vídeo que se encontra em uma **relação complexa** com a realidade corporal” (grifo meu). Essa complexidade acontece na forma dialogizante em que não se percebe a junção das linguagens envolvidas, nem muito menos uma hierarquização, mas uma resultante organizada, um todo composto por esse diálogo. Apenas quando há

essa provável conexão é que podemos pensar ou falar de um teatro de estética midiática também considerando a idéia de uma paisagem visual.

Ora, a própria palavra teatro (*Théatron*) como a conhecemos deriva do vocábulo original grego (θεάομαι) e quer dizer: “o lugar para onde se vai ver”. Esse ver não é no sentido comum, mas se refere a uma outra instância do ver: do olhar com atenção, do perceber, do contemplar de maneira envolvente, de forma inquiridora que permita ao mesmo tempo analisar o observado.

Sendo assim, pressupõem-se que originalmente o termo “teatro”, enquanto produção artística, esteja ligado a uma noção da observação de imagem, não uma observação inconsciente e letárgica, mas, uma observação prazerosa, e ao mesmo tempo analítico-crítica. As imagens a que me refiro, as que solicitam um tempo e uma atenção para leitura, são também imagens que denunciam a teatralidade proposta pelo encenador. As imagens contidas nas encenações de Thomas, estão ali, afirmando constantemente sua condição de imagens e que necessitam, precisam ser vistas.

### **A Estruturação das Paisagens Visuais**

Por épocas, os pintores se dedicaram a retratar em suas telas fixas a idéia de uma natureza a partir da realidade observada. Na verdade, os pintores estavam retratando em suas telas uma ideia própria, subjetiva e particular do que seria a natureza. Uma natureza “criada” e objetificada a partir da técnica da perspectiva e da subjetividade que cada artista acrescentava acerca do que seria o “natural” perfeito. Com efeito, as telas que se propunham a retratar paisagens acabaram se tornando elas próprias paisagens autônomas, um transporte da natureza para a imagem, que por sua vez, acabou atribuindo à imagem um status de valor “real”.

Essa imagem “transporte de uma natureza supostamente dada” se emancipa da categoria de “representação” e por sua vez se torna, a verdade da natureza representada, sem distanciamento. Para Susan Sontag (2004), a fotografia desbancou esse monopólio da pintura no retrato realista do mundo. Dessa forma, a fotografia libertou a pintura da obrigação de “cópia”, tendo em vista, a sua facilidade em apreender mecanicamente o visível e captar de forma definitiva “uma fatia do tempo”. Ela acredita que a fotografia, diferentemente da pintura, não produz apenas imagens ou interpreta o real, mas é antes um vestígio diretamente decalcado do real. Nas palavras da autora, “uma máscara mortuária”.

### **Paisagem-imagem**

É necessário, então, transformar a “realidade” em imagem e em processo simultâneo e inverso; fazer da imagem uma “realidade”. É nesse movimento de duas vias, que a arte se situa, uma vez que ela torna a “realidade” não mais exatamente uma única, mas cria, com isso, um fluxo de realidades simultâneas, como as sucessivas imagens, produzidas pelos mais diferentes meios.

Para Sontag (2004) essa transformação da “realidade” em imagem alcançou êxito com a fotografia, uma vez que ela “desplatonizou”<sup>1</sup> nossa compreensão da realidade, inviabilizando uma reflexão de nossa experiência à luz da distinção entre imagem e coisa, entre originais e coisas.

Atenta-se para o fato de uma paisagem, antes de tudo, ser uma imagem que traz em si, na estruturação figurativa de seus elementos, a idéia de uma narrativa visual. Portanto, sua disposição está orientada no sentido de persuadir, convencer, ou, como um “pretexto para desenvolvimentos” do pensamento, sendo necessário para isso, também, corpos que a ocupem, pois ela se faz “cenário para um drama ou para a evocação de um mito” (CAUQUELIN, 2007, p. 49).

Dessa maneira, encarar a paisagem como uma produção consciente é entender que a lei da perspectiva atua diretamente, não importa em qual seja o meio de reprodução técnica de uma paisagem, a proposição e a superposição dos planos que se apresentam e nos levando a “ver” a idéia que se pretende sustentar, de maneira que compreendamos aquilo que uma visão “comum” não captaria, e que a própria “natureza” não nos fornece de maneira gratuita.

Um teatro construído sob a perspectiva de *paisagens visuais*, não se faz apenas da junção entre teatro e cinema, teatro e mídias ou teatro e audiovisual. Não é simplesmente unir uma linguagem a outra de maneira aleatória. Mas sendo um processo de mão dupla, as linguagens e os suportes devem estar unidos num mesmo projeto de composição, numa mesma retórica de criação cênica. Assim sendo, o encenador se configura, também, como um “paisagista”, onde todos os elementos são visualmente concebidos e entrelaçados.

Nesse aspecto, o teatro produzido no Brasil por Gerald Thomas, consegue transmitir crítica e conscientemente essa realidade. Thomas não dialoga aleatoriamente com as mídias e nem é um entusiasta ingênuo delas, ele as utiliza para criar um jogo de espelhos com o aparato midiático.

---

<sup>1</sup> Dispensou a concepção de realidade aos moldes da filosofia de Platão indo além do mito da caverna, onde a imagem - sombras do “real” - não deveria ser levada a sério. Para maiores detalhes e discussões mais aprofundadas procurar os princípios filosóficos de Platão.

Nesse sentido, o seu teatro, a primeira vista, seria logicamente um teatro visual, mas esse não é o objetivo de suas encenações; mostrar plasticidade ou um material para ser apreciado. Ele quer revelar justamente o invisível, o que move as ligações, as conexões, os pensamentos da sua cena. As idéias que o atormentam enquanto artista. Não há um interesse de enquadrar-se em alguma estética ou definir ele próprio a sua obra. Apenas concede movimento e ação as suas angustias existenciais, aos seus pensamentos acerca do mundo, desse mundo eminentemente individualista e visual que nos rodeia. O seu teatro possui uma atitude para com as imagens que ele se propõe a formar. Ele nos apresenta em suas encenações, uma imagem e um tempo para a reflexão, uma citação e um outro tempo para o escrutínio dessa citação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo-SP, Martins Fontes, 2007.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro-RJ, Contraponto, 1997.
- FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades Contemporâneas*. São Paulo-SP, Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Gerald Thomas: Memória e Invenção*. São Paulo-SP, Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Gerald Thomas: O Encenador de Si mesmo*. São Paulo-SP, Perspectiva, 1996 b.
- GUÉNOUN, Denis. *O Teatro é Necessário?* São Paulo-SP, Perspectiva, 2004.
- GUINSBURG, Jacó. FERNANDES, Sílvia. (Orgs.). *O Pós-Dramático- Um Conceito Operativo?* São Paulo /SP, Perspectiva, 2008.
- LEHMANN, Hans Thies. *Teatro Pós-Dramático*. São Paulo-SP, Cosac e Naify, 2007.
- PAVIS, Patrice. *O Teatro no Cruzamento de Culturas*. São Paulo-SP, Perspectiva, 2008.
- PICON-VALLIN, Béatrice. *A Arte do Teatro – Entre Tradição e Vanguarda: Meyerhold e a Cena Contemporânea* (Org.) SAADI, Fátima. Rio de Janeiro-RJ, Teatro do Pequeno Gesto, Letra e Imagem, 2006.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo-SP, Companhia das Letras, 2004.

#### **Internet**

<http://www.geraldthomas.com/>  
<http://geraldthomasvideos.blogspot.com/>

#### **Vídeos**

*Rainha Mentira* (Direção: Gerald Thomas, País: Brasil, Ano: 2007)